

# UMA CRÔNICA DO TEMPO PRESENTE: PANDEMIA DIGITAL, IRRACIONALIDADE E DESASTRE ANUNCIADO

*José Luiz Conrado Vieira<sup>1</sup>*

*“Está acontecendo diante dos nossos olhos.  
E há dezenas de milhões de brasileiros que  
parecem não compreender o perigo. (...) É  
um processo de lavagem cerebral coletiva,  
é um processo de criação de dissonância  
cognitiva coletiva.”*

(João Cezar de Castro Rocha)

## **SUMÁRIO**

### **Prólogo (1)**

- Sobre essas manifestações (2)

- Sobre manifestações em geral (2)

### **1. Introdução (3)**

### **2. A opção pela crônica (5)**

### **3. Ponto de partida: comunicação de Bolsonaro e isenção na análise (6)**

### **4. O bem e o mal e a polarização (7)**

### **5. O contexto atual de mobilizações (8)**

### **6. Uma síntese do pós-eleição (10)**

### **7. Uma palavra sobre os militares (11)**

### **8. Uma palavra sobre TSE e Alexandre de Moraes (12)**

### **9. Definições e calibração da linguagem (13)**

#### **9.1 - Eleitores de Bolsonaro (13)**

#### **9.2 - Os termos desastre e irracionalidade (14)**

#### **9.3 - Bolhas de pensamento (15)**

#### **9.4 - Mídiosfera digital (16)**

#### **9.5 - Avalanche de consenso (16)**

#### **9.6 - Capilaridade e multidiscursos (17)**

#### **9.7 - Dissonância cognitiva coletiva (19)**

### **10. Considerações finais (19)**

#### **10.1 - O novo coronavírus e os “vírus digitais” (20)**

#### **10.2 - Um alerta importante (21)**

#### **10.3 - Conhecimento é essencial: redes sociais não bastam (21)**

#### **10.4 - Ética, democracia e a dimensão civilizatória (22)**

**Textos e vídeos mais relevantes; na ordem em que mencionados (22)**

## **PRÓLOGO**

Esta crônica foi finalizada no dia 08/12/2022, data em que (ainda, e por incrível que pareça) o autor recebeu várias mensagens, seja em conversas diretas, seja em grupos de WhatsApp de que participa, expressando apoio às pessoas que se mantêm mobilizadas e em protestos em frente a quartéis das Forças Armadas, bem como sugerindo que mais gente adira a esses movimentos. Essas mensagens foram enviadas, em sua quase

---

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em Direito Econômico (USP), Professor e Consultor.

totalidade, por eleitores do Presidente Jair Bolsonaro (sobretudo aqueles referidos como *bolsonaristas* e *bolsonaristas-raiz* na classificação exposta no item 9.1), dentro de um esquema que constitui, precisamente, o objeto de preocupação deste texto.

### **SOBRE ESSAS MANIFESTAÇÕES**

Pode-se dizer que a essência dessas manifestações é uma só: os que dela participam não aceitam o resultado da eleição de Lula, em 30/10/2022, e pedem uma intervenção militar no País. Ou seja, foram às urnas, vale dizer, aceitaram (em última análise) as “regras do jogo”, mas não admitem o resultado que contrariou as suas expectativas.

Na verdade, contudo, há inúmeras evidências de que (como tem sido comum na História política ao redor do mundo) a não admissão da derrota passa, antes, por *pessoas* e *grupos* que, em maior ou menor grau, direta ou indiretamente, planejam e incitam essa massa de gente que, por sua vez (e por motivos variados), aceita os comandos disparados através de um “*arsenal de comunicação de massa*” nunca antes empregado com tamanha potência, abrangência e por tanto tempo no País.

Esse quadro atual de manifestações é caudatário, claramente, de um longo processo político-ideológico impulsionado por meio desse “arsenal” que, utilizando intensivamente as chamadas “redes sociais”, obteve resultados considerados inesperados (na visão de muitos analistas), a começar pela eleição de Jair Bolsonaro e de vários candidatos que a ele aderiram em 2018.

É desse arsenal, com suas possíveis consequências e “efeitos colaterais” sobre a sociedade, que tratará esta crônica.

A propósito, a adoção do processo de comunicação vinculado a Jair Bolsonaro como referencial principal desta abordagem está explicada mais adiante, no item 3 (“Ponto de partida: comunicação de Bolsonaro e isenção na análise”).

### **SOBRE MANIFESTAÇÕES EM GERAL**

Importante salientar, desde já, que manifestações, mobilizações e protestos em geral fazem parte, indubitavelmente, do processo democrático, em cujo âmbito constituem instrumentos que, observados certos pressupostos como, dentre outros, os da legitimidade, legalidade e razoabilidade, precisam ser respeitados em qualquer regime ou sistema que tenha por base a democracia e o Estado Democrático de Direito.

O que não pode ocorrer, todavia, é o uso desses instrumentos *fora do tempo histórico* ou *fora da História*. O primeiro caso remete à perspectiva da *utopia*, quando os manifestantes pretendem algo fora da realidade e/ou das possibilidades materiais (*lato sensu*) do tempo presente, quicá criando *narrativas* ou *realidades paralelas* não aceitas pela maioria da sociedade.

No segundo caso, a ideia de *fora da História* diz respeito ao “espaço-tempo” do *mito*, na linha da exposição de Eros Grau em seu *O Direito Posto e o Direito Pressuposto* (São

Paulo: Ed. Malheiros, 1996, pp.128/129), segundo a qual os mitos “*são descritos como formas de fé popular que não nasceram da reflexão racional do povo, mas de sentimentos pré-rationais, emotivos*”, sendo que, uma vez desvendados, “*desnuda-se a racionalidade deles em que os inventa, o que evidencia não serem senão uma manifestação cultural*”.

Observa Eros Grau, também, que “*o discurso ideológico e o discurso mítico se aproximam na medida em que ambos instauram um horizonte objetivo para os comportamentos e atitudes do homem, embora o primeiro se insira e viva da História e o segundo se desenvolva em uma realidade não-histórica, atemporal e sem espaço. O mito aparenta ser uma revelação do que foi e permanece sendo*”. Não obstante, complementa Grau, “*o mito funciona como recurso linguístico no discurso ideológico de quem tem condições de, através dele, exercer dominação*”.

E o risco, nesses casos, é que pessoas e/ou grupos de interesse se valham de certos instrumentos de comunicação de massa (referidos, acima, como “arsenal”) para a manipulação político-ideológica de uma parcela expressiva da sociedade.

Nesse sentido, a referência a “lavagem cerebral”, feita pelo Prof. João Cezar de Castro Rocha (UERJ) no trecho de entrevista que consta da epígrafe, é emblemática. Essa entrevista foi publicada em 21/10/2022 no site do jornal Estado de Minas e pode ser acessada pelo link:

[www.em.com.br/app/noticia/pensar/2022/10/21/interna\\_pensar,1409943/castro-rocha-brasil-e-laboratorio-de-criacao-de-realidade-paralela.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2022/10/21/interna_pensar,1409943/castro-rocha-brasil-e-laboratorio-de-criacao-de-realidade-paralela.shtml).

Importa frisar que qualquer tipo de manipulação envolve, em maior ou menor escala, ações, reações e/ou comportamentos questionáveis, senão inaceitáveis à luz da *razão*. Daí o uso do termo *irracionalidade* no título desta crônica, relativamente ao qual o *estado de coisas* atualmente verificado no País em termos político-ideológicos fala por si.

## 1 - INTRODUÇÃO

Como é notório, os meios de comunicação em geral, incluídas as redes sociais, apresentaram nos últimos anos um cenário dos mais desalentadores relativamente à política brasileira (e seus desdobramentos no tocante à gestão pública como um todo). A par de informações verdadeiras, cujo zelo no tratamento e na transmissão constitui obrigação, senão até razão de ser principal das mídias tradicionais, vicejaram também, particularmente nas *redes sociais*, as chamadas *fake news*, assim como mentiras alarmantes, discursos de ódio e agressões diversas e frequentes a pessoas, a instituições, à história etc.

Por conta do objetivo que preside estas linhas, o foco aqui se põe, mais especificamente, sobre essas redes, dentre as quais avulta, no Brasil, o WhatsApp. Aliás, vale lembrar que o resultado das Eleições de 2018 foi amplamente exaltado, por diversos analistas, como uma vitória das “novas mídias” sobre a chamada “mídia tradicional”, tal a potência demonstrada pelos meios de comunicação digital para impulsionar a *comunicação de massa* naquela oportunidade.

Dito isto, cumpre esclarecer que o pano de fundo da abordagem a ser aqui empreendida é o “estado de coisas” político-ideológico existente no País desde, pelo menos, 2018 (eleição do Presidente Jair Bolsonaro), que culminou com a instauração do triste cenário de mobilizações e protestos do pós-Eleição de 2022, citado no Prólogo, amplamente estampado nos meios de comunicação em geral, cenário esse derivado de um “caldo de cultura” para cuja criação tiveram as redes sociais um papel fundamental, de enorme destaque, o que só foi possível, diga-se desde já, a partir do uso intensivo de alguns instrumentos e elementos conceituais (das áreas de Tecnologia da Informação, Comunicação e Psicologia) que constituem, de certo modo, o cerne desta exposição.

Trata-se de instrumentos e elementos cujo uso nas esferas da política e da religião, dentre outras, deve ser objeto de profunda reflexão pela sociedade em geral, em face dos riscos que trazem, por exemplo, para o *livre e reto* pensar e o *livre* agir.

Assim, esta crônica, originalmente destinada a amigos e parentes, mas que pode se prestar, eventualmente, (também) a quem mais se interessar possa pela temática, busca, numa perspectiva predominantemente descritiva, avaliar o contexto político-ideológico brasileiro atual e o papel dos referidos instrumentos e elementos conceituais na sua formação.

Desta forma, seja pela questão político-ideológica em si (que mostra um ambiente social extremamente degradado), seja pelo pouco domínio que grande parte das pessoas tem de conceitos ligados à tecnologia digital, afigurou-se indispensável explicitar, ainda que sinteticamente, alguns dos termos e expressões mais relevantes e/ou “sensíveis” aqui empregados, já como forma de tentar evitar eventuais conclusões precipitadas, incorretas e/ou “ideologizadas”. Isso consta do item 9 (“Definições e Calibração da Linguagem”), onde são abordados certos termos (como *bolsonarista*), conceitos (como *dissonância cognitiva coletiva*) e descrições de contexto fundamentais para a análise ora proposta.

Nessa linha, não é demais lembrar, também, a advertência ínsita do chamado Efeito Dunning-Kruger (nome dado em referência aos psicólogos sociais norte-americanos David Dunning e Justin Kruger, que estudaram o efeito da “ignorância” - significando pouco ou nenhum conhecimento de determinado assunto - das pessoas frente a questões e situações concretas, incluindo a sua própria autoavaliação), segundo o qual o baixo nível de conhecimento e habilidade das pessoas em certos temas as impede, muitas vezes, de perceber até mesmo o quão pouco sabem a respeito e/ou se estão repetindo algo certo ou errado. Uma explicação simples e didática sobre esse Efeito pode ser vista no vídeo de animação constante do link: <https://www.youtube.com/watch?v=-Cioih2QLQw>.

Transpondo essa advertência para o caso das redes sociais, é comum as pessoas repetirem ou repassarem (“encaminharem”) mensagens incorretas, *fake news*, mentiras, etc., sem nada saberem sobre o seu conteúdo, a sua veracidade e/ou sua origem. E isso é ainda mais comum quando há um apelo de natureza emocional (político-ideológica, por exemplo), hipótese em que o clique no botão de “encaminhar” costuma ser ainda mais rápido, senão automático.

A propósito, cumpre esclarecer que esses são apenas alguns dos elementos que se pode empregar no estudo dessa temática, havendo outros, notadamente do âmbito da

Psicologia, dependendo do foco, da abrangência e do grau de profundidade pretendidos. Pode-se citar, por exemplo, aqueles que aparecem no texto de Bruno Vaiano intitulado *Negacionistas: uma mentira repetida mil vezes se torna verdade?* (<https://interd.net.br/negacionistas-uma-mentira-repetida-mil-vezes-se-torna-verdade/08/03/2022/>), a saber:

- a) o *efeito de verdade ilusória* ou *efeito de ilusão de verdade* (“*illusory truth effect*”): refere-se a afirmações que, ouvidas com frequência (e estando em consonância com o entendimento prévio de uma pessoa ou se lhe parecer familiar), soam confiáveis pelo simples fato de serem repetidas muitas vezes, sem que a pessoa se preocupe em pesquisar a sua origem ou fonte;
- b) a *influência continuada* ou *efeito da ilusão continuada* (“*continued illusion effect*”): que se verifica quando as pessoas seguem acreditando e/ou agindo com base em informações incorretas ou falsas mesmo depois de serem alertadas a esse respeito; e
- c) o *efeito “ tiro pela culatra ”* (“*backfire effect*”): corresponde a um viés cognitivo envolvendo crenças prévias de uma pessoa e se manifesta quando a tentativa de mostrar a ela que está errada atua como uma espécie de “provocação” que a faz agarrar-se com ainda mais força às suas crenças, podendo até mesmo passar ou reforçar a impressão/sentimento de que o mundo está contra ela.

Bruno Vaiano dá destaque, também, à questão do “apelo emocional”, dizendo que “*notícias falsas, negacionistas e teóricos da conspiração não fornecem fontes nem dão explicações razoáveis para o que afirmam, mas embalam o conteúdo numa linguagem carregada de sentimento e juízo moral*”, e que, assim, “*ganham a briga por atenção nas redes sociais*”.

Poder-se-ia recorrer, ainda, ao *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, de Sigmund Freud, que traria outros contornos para a análise da questão. Aliás, há um vídeo interessante a esse respeito, de 2021, disponível na Internet: <https://www.youtube.com/watch?v=J7IgfX-roJU>.

Todavia, para os fins específicos desta crônica pareceu suficiente o emprego dos elementos que se encontram explicitados no item 9, além da menção ao Efeito Dunning-Kruger.

No mais, ainda buscando municiar os leitores de um repertório amplo de informações acerca da temática, são sugeridos, ao longo do texto, alguns vídeos e artigos que podem auxiliar, significativamente, na compreensão de aspectos relevantes da questão. De certo modo, esse material constitui, na visão deste autor, o “mínimo teórico” para que críticas razoáveis possam ser produzidas na linha aqui estabelecida. Daí a recomendação, desde já, não só para a leitura atenta e crítica destas linhas, mas também com relação aos vídeos e textos indicados.

Finalizando, frise-se que esta crônica, conquanto extensa, está longe de constituir um estudo “completo e acabado” acerca da temática envolvida. Ao contrário, constitui tão somente uma abordagem introdutória das questões postas, refletindo o estágio de conhecimento a que chegou o autor a respeito dos conceitos envolvidos e da matéria como um todo (claramente multidisciplinar e, diga-se de passagem, bastante complexa), sobre

a qual, aliás, reconhece, desde já, as suas limitações. Por conseguinte, este autor reserva-se o direito de rever estas breves linhas com vistas a aperfeiçoá-las, corrigir possíveis erros etc.

## **2 - A OPÇÃO PELA CRÔNICA**

A ideia inicial era apresentar uma crônica simples (como é usual no caso desse gênero textual), com uma breve reflexão acerca das mobilizações e protestos pós-eleitorais, lastreada, fundamentalmente, em textos e vídeos de fontes conhecidas e de fácil acesso pelos leitores.

Todavia, a natureza delicada da matéria, somada à preocupação com a clareza e com a máxima isenção possível, acabou fazendo com que o texto adquirisse uma extensão inesperada. Nada obstante, ainda assim foi mantida a sua classificação original como crônica (da modalidade *dissertativa*), por ser este um gênero que, bastante comum em jornais, revistas e blogs de Internet, permite a análise crítica acerca de contextos, fatos e circunstâncias de forma simples e direta, com dispensa, ao menos em parte, dos rigores metodológicos e de linguagem próprios dos textos acadêmicos.

Nessa linha, a opção pela crônica tem a ver, também, com a percepção da extrema gravidade do contexto atual e a consequente urgência que as questões aqui expostas impõem à sociedade em termos de reflexão, o que levou à decisão de produzir rapidamente um texto, com a possível isenção em termos ideológicos (e esta é uma premissa importante), voltado para a sua análise, ainda que carente de algum aprofundamento em um ou outro ponto.

Servem as crônicas, ademais, para que o autor busque chamar a atenção e gerar reflexão em relação a certos aspectos da realidade que, conquanto importantes ou até fundamentais para a compreensão de determinadas questões em sua inteireza, possam passar despercebidos por muitas pessoas. E é exatamente isso que se busca aqui.

## **3 - PONTO DE PARTIDA: COMUNICAÇÃO DE BOLSONARO E ISENÇÃO NA ANÁLISE**

Cumprido dizer, desde logo, que o fato de esta crônica focar, prioritariamente, o processo de comunicação empregado na campanha de Jair Bolsonaro, tem embasamento eminentemente “técnico-metodológico”, como adiante se verá. Importa dizê-lo para deixar clara a busca de isenção na análise e afastar qualquer eventual invocação ou falsa impressão de viés ideológico que uma leitura açodada destas linhas possa ensejar.

Mas, obviamente, não basta apenas a isenção do autor: há que haver isenção, também, por parte dos leitores. Nesse sentido, afigura-se indispensável, insista-se, a leitura destas linhas até o final, incluindo os textos e os vídeos sugeridos.

Primeiramente, vale notar que esta crônica está sendo apresentada não apenas após a declaração formal do resultado das Eleições de 2022 pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), mas também após a conclusão, pelo Ministério da Defesa, de seu esperado

*Relatório Técnico de Fiscalização do Sistema Eletrônico de Votação* (de 09/11/2022), que, ressalte-se, nada trouxe que já não se soubesse acerca da segurança do processo eleitoral. Mais que isso, a finalização deste texto se deu após, também, a veiculação de uma “inesperada” Nota das Forças Armadas (dirigida “às Instituições e ao Povo Brasileiro” e assinada pelos comandantes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica), datada de 11/11/2022, que nada trouxe de relevante.

Portanto, a finalização deste texto somente agora, bem depois de todos os citados eventos, já evidencia, por si só, a ausência de qualquer interesse ou viés “político-eleitoral” a mover estas linhas.

Em segundo lugar, e reiterando que o objetivo final deste trabalho é o de gerar reflexões e alertar as pessoas em relação a certos instrumentos (meios e sistemas digitais, por exemplo), conceitos e técnicas de comunicação de massa capazes de engendrar grandes riscos para o pensamento lúcido, o fato é que esse “arsenal de comunicação” foi empregado por Bolsonaro em nível incomparavelmente superior e com impacto e abrangência muitíssimo maior do que se viu na campanha de qualquer outro candidato (inclusive Lula). Muito maior, também, do que em qualquer outro período ou campanha eleitoral no Brasil.

E essa afirmação tem uma base empírica notável e inequívoca, pois a simples observação (comparativa) da *quantidade*, do *conteúdo das mensagens* e dos *métodos empregados* na comunicação vinculada a Bolsonaro nos últimos anos (remontando às eleições de 2018) não deixa a menor dúvida quanto a isso. Com efeito, o processo comunicacional adotado nas redes sociais (WhatsApp, Telegram e outros) mostrou uma intensidade, abrangência e poder de impacto sobre vastas camadas da população brasileira que, pode-se dizer, nunca antes se viu no Brasil.

O uso do instrumental a que se fará referência na sequência (melhor explicitado no item 9) foi de tal sorte exitoso nas redes sociais que constituiu, para muitos, um verdadeiro “massacre” sobre o processo comunicacional levado a efeito por esse mesmo meio pelo principal adversário, o candidato Lula, a despeito de ter este se saído, por motivos diversos (que comportam outras análises), vencedor da disputa. Enfim, sob o ponto de vista específico *da abrangência e potência do processo*, a vitória da comunicação de Bolsonaro *em redes sociais* foi absolutamente flagrante e inquestionável.

Quanto à mídia tradicional, acresça-se que, sob o prisma das “grandes linhas” do processo de comunicação adotado desde antes da vitória em 2018, foi-se notando uma relação crescentemente conflituosa de Bolsonaro e de seu governo com alguns órgãos da imprensa (como, dentre outros, a Rede Globo e o jornal Folha de São Paulo) e, complementarmente, uma clara opção pelo uso intensivo das redes sociais. E ainda sob o prisma das *grandes linhas* do processo, percebeu-se em termos contedúísticos a adoção, também, de uma clara linha de ataque a adversários reais e potenciais, a ex-apoiadores (Gustavo Bebianno, Sérgio Moro, Mandeta etc.), a instituições (como STF e TSE) etc., sustentada, do ponto de vista dos instrumentos empregados, por um “arsenal de comunicação” que se notabilizou pela capacidade de disseminação de mensagens, via disparos a partir de várias fontes, com uma abrangência e uma potência, como já dito, realmente impressionantes.

Convém assinalar, por outro lado, que a comunicação em favor de Lula, aparentemente, demorou a “despertar” para o que vinha acontecendo nas redes sociais, o que só ocorreu depois de um longo e eficiente processo de “desconstrução” de imagem (de Lula, do Partido dos Trabalhadores/PT, das “esquerdas” etc.) iniciado bem antes das eleições de 2018, envolvendo, inclusive, a mídia tradicional. E mesmo após darem-se conta disso, a eficiência da comunicação ligada ao candidato Lula esteve muito longe de alcançar, via redes sociais, o mesmo êxito em termos de abrangência e potência.

A propósito, sobre o papel das mídias tradicionais na desconstrução do PT e de Lula, interessante observar a crítica feita pela jornalista Milly Lacombe por meio do Instagram ([www.instagram.com/tv/CjYBA\\_Zp-TD/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D](https://www.instagram.com/tv/CjYBA_Zp-TD/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D)), em que apresenta a sua visão acerca de vários acontecimentos da histórica política recente (anos 1990 e 2000).

Em síntese, a opção de focar o instrumental de comunicação de Jair Bolsonaro nada tem de ideológica. É de natureza, como já dito, eminentemente metodológica (ou, se preferir, “técnico-metodológica”).

No mais, convém repetir que o *principal objetivo desta crônica* é chamar a atenção e provocar reflexões acerca dos *riscos* inerentes ao uso, notadamente em âmbitos como o **político** e o **religioso** (dentre outros), do instrumental/arsenal aqui mencionado.

#### 4 - O BEM E O MAL E A POLARIZAÇÃO

Complementando o que se disse no item anterior, resta claro que desde as Eleições de 2018 a comunicação de Jair Bolsonaro focou, intensivamente, um segmento religioso específico, qual seja, o dos evangélicos. Num segundo plano, mas numa escala menor, focou, também, os católicos. Basta atentar para a frase adotada desde o início (“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”), além do apelo ao lema “Deus, Pátria e Família”, já antes empregado, vale frisar, por alguns líderes políticos da primeira metade do Séc. XX, sendo frequentemente citados Mussolini (Itália) e Salazar (Portugal), bem como o movimento integralista brasileiro.

Sobre esse foco no terreno religioso, aliás, foi notória e intensa a atuação de dirigentes e pastores evangélicos em favor dele, Bolsonaro, desde a campanha de 2018, inclusive durante o seu governo (sendo um desses dirigentes visto, com grande frequência, em sua companhia). Isso guarda consonância, por certo, com o uso constante e ostensivo da fórmula milenar da “luta do bem contra o mal”, de forte apelo emocional, que tanto assusta as pessoas ligadas, sobretudo, aos segmentos religiosos mais tradicionais.

Essa polarização entre bem e mal foi empregada, também, para fomentar um dos principais pilares da estratégia comunicacional bolsonarista: a polarização extremada entre direita (referida como “bem”) e esquerda (tratada como “mal”), sendo esta última, ademais, geralmente associada de forma grosseira e desinformada ao comunismo e ao socialismo (que, aliás, a imensa maioria sequer sabe explicar, conceitualmente, o que



são). Um grande desserviço, aliás, à formação política, intelectual e da cidadania entre os brasileiros.

Assim, *bem e mal e direita e esquerda* tornaram-se dois núcleos de um discurso polarizador que, impulsionado pelo arsenal tecnológico e conceitual de comunicação já citado, alimentou um clima de “ódio” num nível, aparentemente, nunca antes visto no País.

Claro que a questão do “discurso de ódio” (*hate speech*) não é nova, podendo ser localizada, também, em campanhas da “esquerda” em 2010 e 2014, por exemplo, porém em grau muitíssimo menor do que entre 2016 e 2022 (retroagindo, note-se, ao período do *impeachment* de Dilma Roussef, em cujo bojo acentuou-se o processo de “desconstrução” de Lula e do PT). O que preocupa, contudo, é a dimensão assumida por esse tipo de discurso a partir do processo comunicacional associado a Jair Bolsonaro, levando à sua “naturalização” no terreno da disputa política e do debate ideológico (espraiando-se, de certa forma, para toda a sociedade), cujas consequências na esfera civilizatória são imprevisíveis.

Não é demais lembrar, a propósito, que a expressão “Gabinete do Ódio” circulou por um bom tempo, inclusive na Imprensa, para referir uma estrutura que teria sido formada dentro da máquina pública (cuja existência, convém frisar, não chegou a ser provada) para organizar a disseminação, dentre outras, de mensagens do gênero.

## 5 - O CONTEXTO ATUAL DE MOBILIZAÇÕES

Pois bem, começemos pelos protestos e mobilizações que os meios de comunicação mostraram à exaustão a partir do anúncio do resultado do 2º Turno das Eleições de 2022, configurando algo extremamente preocupante, por certo, para consciências um pouco mais esclarecidas. Mostraram uma grande quantidade de manifestações Brasil afora (e algumas ainda persistem), seja em estradas, seja em portas de quartéis, quase todas ilegais, antidemocráticas e/ou antiéticas (muitas delas aparentemente orquestradas e possivelmente financiadas), com a participação de pessoas que se comportam “messianicamente” e se recusam a aceitar o resultado das eleições.

Eleições, importa ressaltar, conduzidas dentro da lei e plenamente legítimas, haja vista as manifestações exaradas pelo Tribunal de Contas da União (em 30/10 e 08/11/2022), que promoveu uma expressiva auditoria das urnas eletrônicas logo após os votos e não encontrou, nem no primeiro turno, nem no segundo, qualquer indício de fraude, erros ou omissões *que pudessem desqualificar o resultado declarado pelo TSE*. E nas quais, indispensável lembrar, os especialistas das Forças Armadas *também não lograram encontrar qualquer falha que pudesse desqualificar esse resultado*.

Municiados por redes de comunicação, esses manifestantes criticam os Tribunais superiores e, em particular, alguns de seus componentes (notadamente os Ministros Alexandre de Moraes, Barroso e Fachin) e argumentam, dentre outros, com a pretensa ilegalidade de atos praticados pelo TSE “em prejuízo do candidato Bolsonaro”.

Paradoxalmente, contudo, pedem que se pratique uma, aí sim, óbvia ilegalidade (já na perspectiva jurídico-constitucional), que seria uma “Intervenção Militar mediante a aplicação do Art. 142 da Constituição Federal”.

Aliás, já no dia seguinte às Eleições falavam, também, de um prazo de 72h “exigido por lei” para que o Presidente da República pudesse solicitar a “Intervenção Militar”, prazo esse que, simplesmente, não existe. E por aí vai. Hipóteses juridicamente impossíveis, assumidas por uma grande quantidade de pessoas que, em sua provável maioria, nada conhece de Direito.

E tudo a reboque de mensagens e comandos impulsionados pelas redes sociais por intermédio de (uma rede de) “colaboradores” cuja ação integrada e sincronizada permite a formação uma espécie de “tempestade midiática” comandada, ao que tudo indica, por um centro orientador que prepara ideias/conteúdos/discursos e os repassa para uma periferia difusora que pode atuar de forma segmentada ou “capilarizada” para formar as chamadas “avalanches de consenso”, conforme explicitado nos itens 9.5 e 9.6.

Isso tudo sugere o uso planejado de uma nova forma de comunicação de massa que, em consonância com o que disse o Prof. Castro Rocha, pode (e tende a) produzir efeitos semelhantes aos da chamada “lavagem cerebral” (com a possível formação de “realidades paralelas”), empregando, dentre outros, os conceitos de avalanches de consenso (item 9.5) e dissonância cognitiva coletiva (item 9.7). Em última análise, é disso que se trata.

E o resultado desse processo é claro e inequívoco: uma multidão de pessoas acredita. E muitos creem fervorosamente, seguindo esses comandos acriticamente, por vezes de forma “messiânica”.

Retroagindo um pouco no tempo, foi o que se viu no tocante à questão da “insegurança das urnas eletrônicas”. Foi assim, também, no caso da chamada “ditadura do STF”. Foi (e continua sendo) assim no caso do TSE e do Ministro Alexandre de Moraes, e assim por diante, muitas vezes ecoando posições e discursos previamente apresentados pelo Presidente da República em suas redes sociais ou dirigidos, de modo direto, a pequenos grupos de apoiadores no espaço que muitos denominaram de “puxadinho do Palácio do Planalto”.

Sobre esses fatos, aliás, há uma grande profusão de vídeos, na Internet, mostrando situações as mais absurdas (em termos, por exemplo, de “argumentos” e gestos), evidenciando, tristemente, o efeito de “captura de mentes” que esse tipo de comunicação de massa produziu ao longo do tempo e que, ainda hoje, consegue manter alguns grupos de manifestantes mobilizados.

Enfim, como evidência final da potência desse processo, veja-se que transcorrido mais de um mês da conclusão das Eleições de 2022 ainda há um número razoável de pessoas (embora claramente inexpressivo como percentual da população brasileira, ou mesmo como percentual dos eleitores que compareceram às urnas em 02 e 30/10/2022) em mobilizações e protestos no País pedindo, repetidamente, como um mantra, a “intervenção das Forças Armadas” para “salvar o Brasil”, seguindo fielmente mensagens de orientação e/ou de incentivo que circulam pelas redes.

Entre a declaração do resultado das Eleições (30/10/2022) e a conclusão desta crônica, este autor, que participa de alguns grupos de WhatsApp com presença marcante de “bolsonaristas” e “bolsonaristas-raiz” (vide item 9.1), recebeu centenas de mensagens de chamamento para bloqueios de estradas, paralisações, manifestações em frente a quartéis etc., todas seguindo, rigorosamente, o mesmo “esquema” (ideia/conteúdo/discurso único e formatos variados).

## 6 - UMA SÍNTESE DO PÓS-ELEIÇÃO

Numa breve síntese dos passos adotados por esses movimentos pós-eleitorais, foram os seguidores do Presidente Bolsonaro, primeiramente, chamados a aguardar (mobilizados) pelo “*Relatório das Forças Armadas*”, somente apresentado em 09/11/2022, tratado como uma espécie de argumento “derradeiro e definitivo” para uma pretendida (por eles) Intervenção Militar no País, seguida do “fechamento de algumas instituições” (como o STF e o TSE) e do “impeachment”, dentre outros, do Ministro Alexandre de Moraes.

Era essa a mensagem nas redes sociais. Porém, como já anteviam as mentes mais lúcidas, o Relatório apenas convalidou o resultado das Eleições e, portanto, nada disso aconteceu.

Mas, ainda assim, os mobilizados continuaram protestando, já então sob outro argumento veiculado nas redes sociais: o de que “uma nova manifestação das Forças Armadas” poderia surgir a qualquer momento para desencadear a “Intervenção”. Pois bem, houve de fato a já citada Nota de 11.11.2022, assinada pelos três Comandantes Militares, documento esse, entretanto, eivado de erros jurídicos primários e, segundo algumas interpretações, prenhe de tentativas frágeis de “intimidação”, o que só fez deslustrar a imagem dos signatários, senão, de certo modo, também das Forças Armadas.

Nada obstante, a máquina de produção e disseminação de mensagens em massa continuou (e continua) incentivando os simpatizantes (ou seguidores) de Jair Bolsonaro a se manterem mobilizados, notadamente em frente a quartéis, sugerindo, agora, a possibilidade de Lula ter a diplomação (em 12/12/2022) cancelada ou a posse (em 01/01/2023) impedida pelos militares. Por isso, continuam recomendando a manutenção das mobilizações.

E muitas pessoas seguem acreditando piamente nessas “hipóteses”, ainda que inúmeros “fatos” anunciados por essas mesmas redes nos últimos 2, 3 ou 4 anos tenham se mostrado claramente falsos e/ou juridicamente inviáveis. E a lista é extensa: “impeachment de Barroso e Xandão”; “fechamento do STF”; “prisão do Xandão”; “General dentro do STF (assessor de Toffoli) para dar um jeito nas coisas”; “insegurança das urnas eletrônicas”; “voto impresso”; “adiamento das eleições”; “fraude nas urnas”; “relatório das Forças Armadas contra as urnas eletrônicas”; etc.

Depois, passaram essas redes a falar de uma paralisação de caminhoneiros para provocar um “total desabastecimento” no País (e dificuldades para outros países que dependem de exportações brasileiras de soja, minério de ferro etc.), com a ida de parte deles para Brasília para “fechar a capital”, tudo indicando que o objetivo dos responsáveis seria gerar

instabilidades ou até mesmo o caos, sob o argumento de que, com isso, as Forças Armadas “iriam agir e tomar o poder”.

E sempre pedindo que as mobilizações sejam mantidas. Para tanto, veicularam, dentre outros, um vídeo recente de um conhecido advogado do Presidente da República em visita a um acampamento e incentivando as pessoas a se manterem mobilizadas (<https://www.youtube.com/watch?v=PSHHgca059s>), bem como um áudio de um Ministro do Tribunal de Contas da União que, numa atitude inaceitável para uma autoridade pública (sobretudo desse nível), disse em sua rede social ter conhecimento de um “movimento nas casernas” voltado para, em breve, um “desenlace muito forte na nação” (<https://www.youtube.com/watch?v=5gnwBuRxum4>). Desnecessário dizer que inúmeros mobilizados vibraram ao receberem esses “incentivos”.

Paralelamente, voltaram a circular mensagens dizendo que Lula levaria à “venezualização” do Brasil, discurso esse muitíssimo utilizado nos últimos dois anos, especialmente durante a campanha eleitoral. A propósito, há um vídeo bastante interessante, intitulado “*Bolsonaro é a venezualização do Brasil*” ([www.youtube.com/watch?v=IkQE\\_RRBbZQ](http://www.youtube.com/watch?v=IkQE_RRBbZQ)), em que o jornalista e escritor Pedro Doria apresenta uma visão totalmente oposta e explica, de forma didática, o significado do termo “venezualização” (que corresponde ao domínio das instituições de Estado, incluindo as Forças Armadas, pelo Poder Executivo).

Assim, fato é que as redes continuam agindo. Só nesta última semana o autor destas linhas recebeu dezenas de mensagens (muitas delas “delirantes”) pedindo mobilização e paciência com chamamentos do tipo: “está chegando a hora de uma grande surpresa”; “a Intervenção Militar está próxima”; “Bolsonaro está organizando o tabuleiro”; “há 15.000 homens preparados na caserna”; “o barril de pólvora está aceso e vai explodir a qualquer momento”, etc.

Vale ressaltar que algumas delas, na opinião de alguns analistas, podem configurar crime. E, se assim tipificadas, remetem os responsáveis à condição de criminosos.

E por aí vai, não se sabe até quando.

## **7 - UMA PALAVRA SOBRE OS MILITARES**

Não é demais mencionar o fato de que em várias dessas recentes mensagens sobre “mobilização da caserna” (dizendo que Lula não será diplomado em 12/12/2022 ou que não assumirá em 01/01/2023, e assim por diante) aparecem pessoas que se identificam como militares. Nessa linha, em 30/11/2022 o site do jornal *O Estado de São Paulo*, por exemplo, trouxe matéria dizendo que “*de forma ilegal, militares da ativa se engajaram em manifestações com mensagens antidemocráticas, que questionam a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para a Presidência da República*” e que “*oficiais e praças do Exército, da Marinha e da Aeronáutica têm sido flagrados em atos no entorno de quartéis, bem como em publicações de viés golpista nas redes sociais*”, manifestações essas que “*são proibidas pelas regras militares*”

[\(https://www.estadao.com.br/politica/militares-da-ativa-ferem-lei-e-participam-de-atos-golpistas-contraposse-de-lula/\)](https://www.estadao.com.br/politica/militares-da-ativa-ferem-lei-e-participam-de-atos-golpistas-contraposse-de-lula/).

A matéria, ademais, sugere que o próprio Ministro Chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República tem ciência de que assessores seus publicam vídeos incentivando os atos antidemocráticos, e afirma, ainda, que ele próprio teria feito publicações agressivas e totalmente inadequadas (*vis-à-vis* a função pública que exerce), em sua rede social, sobre a figura de Lula e seu governo.

Somando-se a isso tudo a conduta dúbia, omissiva e/ou questionável (para dizer o mínimo) de oficiais em relação a outras situações, seja ao longo do governo Bolsonaro, seja no tocante às mobilizações em estradas e em frente a quartéis, mostra que as Forças Armadas ainda têm muito a aprender acerca do significado de “governar um país” nos dias de hoje (vale dizer, administrar os interesses de uma sociedade plural), parecendo, ademais, longe da imagem de *competência* e de *fiéis cumpridores da lei* que boa parte do povo brasileiro, por razões diversas, lhes atribuía até pouco tempo atrás.

A própria demora em apresentar o Relatório Técnico de Fiscalização do Sistema Eleitoral, de 09/11/2022, foi percebida por muitos analistas como indevida, tendo, ademais, notoriamente servido para manter uma expectativa “delirante” de apoiadores de Bolsonaro em relação a esse documento e, de certo modo, estimular as pessoas a permanecerem mobilizadas.

Há, pois, nos segmentos mais esclarecidos do País, um sentimento que deflui da observação do atual governo nos últimos quatro anos: o de decepção com um elevado número de oficiais militares que, seja por subserviência imprópria, corporativismo, despreparo, entendimento incorreto do sentido da “condição militar” em tempos de paz (períodos em que são servidores públicos como quaisquer outros), seja, ainda, dentre outras possíveis razões, por “dissonância cognitiva”, em alguma medida deslustram a imagem das Forças Armadas.

## **8 – UMA PALAVRA SOBRE TSE E ALEXANDRE DE MORAES**

Em face das múltiplas citações, aqui, ao TSE e ao seu atual Presidente, o Ministro Alexandre de Moraes, que figuram dentre os mais violentamente atacados nas redes sociais, seja no período pré-eleitoral, seja nas manifestações posteriores ao 2º Turno das Eleições, cabe, da mesma forma, uma pequena abordagem a respeito da sua atuação na preparação e condução do processo eleitoral.

No plano estritamente jurídico, salvo eventuais questionamentos aqui e acolá, geralmente pontuais, ou divergências interpretativas próprias das distintas visões e posições relativas entre operadores do Direito, fato é que a imensa maioria das suas decisões parece plenamente consentânea com a melhor interpretação, sobretudo em termos principiológicos (tomados os princípios constitucionais como norma jurídica), da Constituição e do ordenamento jurídico do País como um todo.

Ao falar de “interpretação principiológica”, importante destacar a importância da “*teoria do princípio como norma jurídica*”, que remete a pensadores como Dworkin, Boulanger,

Canotilho, José Afonso da Silva, Bandeira de Mello e Eros Grau, dentre outros, e constitui um patamar jurídico-doutrinário cujo desconhecimento tende a desqualificar, desde logo, muitas das críticas mais açodadas às decisões do TSE e de seu Presidente. Da mesma forma, o desconhecimento de que não se interpreta a Constituição “em tiras, aos pedaços” (por artigos e dispositivos isoladamente considerados), como disse Eros Grau, valendo lembrar, ainda, a proposição notável de Canaris ao dizer que o sistema jurídico é “uma ordem teleológica de princípios gerais do Direito”.

Destarte, sob o prisma eminentemente jurídico, cumpre dizer que a conduta de Alexandre de Moraes à frente do TSE tem sido digna de elogios, demonstrando empenho, competência, celeridade (expedindo decisões em quantidade e velocidade muito além dos padrões usuais do Poder Judiciário) e, sobretudo, coragem para difíceis enfrentamentos a ataques de várias origens, inclusive do meio militar, geralmente desprovidos de maior embasamento jurídico.

Enfim, a despeito de continuarem sendo fortemente atacados em redes sociais por uma imensa “massa de manobra” em que a provável maioria, repita-se, nada ou quase nada sabe de Direito, fato é que, ainda que uma ou outra crítica possa caber, em um ou outro caso, ao TSE e ao seu Presidente, ambos têm sido, no processo relativo às Eleições de 2022, os grandes baluartes, em termos institucionais, da defesa do Estado Democrático de Direito neste grave momento da história republicana brasileira.

## **9 - DEFINIÇÕES E CALIBRAÇÃO DA LINGUAGEM**

Neste tópico serão abordados, sucintamente, os seguintes instrumentos, termos e/ou conceitos que, direta ou indiretamente, foram mencionados na exposição até aqui efetuada e/ou aparecem em um ou mais dos textos e vídeos sugeridos ao longo destas linhas: eleitores de Bolsonaro, bolhas de pensamento, midiosfera digital, avalanche de consenso, dissonância cognitiva coletiva, capilaridade e multidiscurso.

### **9.1 - ELEITORES DE BOLSONARO**

Por conta do foco posto no processo comunicacional (sobretudo da campanha) de Jair Bolsonaro, e como são aqui feitas, por vezes, referências aos seus eleitores, impõe-se uma prévia e breve consideração a respeito, visto que, embora seja comum o uso, inclusive na imprensa, do termo “bolsonarista”, há certas distinções que permitem (ou até exigem) o estabelecimento de uma classificação como, por exemplo, a que segue:

- 1) *eleitores ocasionais de Bolsonaro*: são, geralmente, pessoas da chamada “direita tradicional” ou que, de alguma forma, não admitem votar em candidatos da “esquerda”, em geral, ou do Partido dos Trabalhadores (PT), em particular, por vezes referidas, neste último caso, como “antipetistas”;

- 2) *bolsonaristas*: eleitores que se afinam com boa parte das ideias defendidas por Bolsonaro (sobretudo as de corte “liberal-econômico”), mas não necessariamente todas, e geralmente o defendem;
- 3) *bolsonaristas-raiz*: aqueles que aderem, substancialmente, ao núcleo das ideias defendidas por Bolsonaro, com destaque para a chamada “pauta dos costumes”, e se comportam, com frequência, quase que “messianicamente” para defendê-lo.

Claro que no caso do candidato Lula, da mesma forma, é possível estabelecer-se uma classificação que, possivelmente, inclua não só “lulistas” como “lulistas-raiz”, valendo o mesmo para “petistas” e “petistas-raiz”. Mas cumpre reiterar que o que se quer analisar, aqui, é a forma como as redes sociais foram tão exitosamente (em termos de potência e abrangência) empregadas pelo candidato Bolsonaro e tentar avaliar riscos e possíveis lições para o futuro. Daí ter-se dado destaque aos eleitores de Bolsonaro.

Importante salientar que o foco maior, nessa classificação, deve ser posto na questão do “comportamento messiânico”, que tende a dialogar com a ideia de “mito” (de que já se falou no Prólogo desta crônica) e pode levar a atitudes desprovidas de análise crítica, conhecimento, senso de realidade etc.

## 9.2 – OS TERMOS *DESASTRE* E *IRRACIONALIDADE*

Considerando que a crônica traz em seu título a expressão “desastre anunciado”, esclareça-se que o termo “desastre” concerne, aqui, a uma perspectiva que se pode dizer *civilizatória*, baseada no fato de que a evolução da humanidade (e, nesse sentido, da “civilização”) nos legou certos princípios de existência e de vida em sociedade em cujo âmago reside um “mínimo ético” voltado para uma convivência que se espera pacífica e potencialmente harmônica entre as pessoas, pautada pelo respeito, dentre outros, à *diversidade* e ao *livre exercício* da capacidade de análise (de fatos, contextos, pessoas, teorias etc.) de cada um.

Esse “livre exercício” tem como pressuposto, vale ressaltar, a inexistência de fatores artificiais capazes de manietar o *livre e reto pensar*, em si, ou o repertório de informações críveis, factualmente verdadeiras e/ou cientificamente provadas, disponíveis para o exercício do pensamento, afastada, pois, qualquer hipótese de manipulação de dados, fatos, opiniões etc. E isso claramente foi atropelado pelo uso massivo das redes sociais (que remonta às Eleições de 2018 e perpassa todo o período do mandato em curso) com os recursos de tecnologia da informação, métodos e conceitos já mencionados, empregados para disseminar ideias/conteúdos/discursos de modo a produzir um efeito equivalente ao de uma *lavagem cerebral*, e com a veiculação de mensagens que incluíram, dentre outros, *fake news*, preconceitos, apologia às armas, discursos de ódio etc.

Nesse sentido, trata-se de um desastre porque atropela a evolução *natural* e *sadia* do pensamento e promove choques e instabilidades que tanto podem fragilizar o tecido social como, de certo modo, promover retrocessos inaceitáveis no “processo civilizatório”. Ademais, tudo indica que seus efeitos possam atingir, gravemente, mais de uma geração.

E esse desastre é “anunciado” na medida em que muitos estudiosos, como Zygmunt Bauman, já vinham de há muito alertando para os riscos das chamadas “bolhas de pensamento” das redes sociais, em relação às quais a “mídia digital” potencializou ainda mais as possibilidades de difusão e, também, de “manipulação” de informações.

Por sua vez, o termo “irracionalidade” tem, aqui, dupla finalidade: de um lado, para referir a “incapacidade” de percepção e análise racional da realidade por parte de tanta gente e, de outro, para qualificar o completo “despudor” (para dizer o mínimo) com que pessoas e grupos de interesse empregam instrumentos técnicos e conceituais diversos para, deliberada e impiedosamente, senão criminosamente, manipular o pensamento e a vontade de parcelas extensas da sociedade, o que é ainda mais deplorável no tocante às pessoas mais humildes, de menor capacidade intelectual e/ou mais influenciáveis por determinados discursos ou, ainda, detentoras de baixo domínio de conceitos e técnicas do mundo digital.

Esse despudor fere a razão numa perspectiva, da mesma forma, civilizatória, na medida em que tende a remeter as ações e reações humanas para o âmbito “puramente emocional”, desvelando, não raro, conexões com a esfera (em certo sentido) da animalidade, que dialoga, precisamente, com a “irracionalidade”.

Por fim, apenas uma breve observação sobre o termo *pandemia*: seu uso no título desta crônica se dá sob as devidas reservas semânticas, presentes as distinções entre os conceitos de *pandemia* e *epidemia* sob o prisma da saúde pública. Feitas as devidas ponderações, a opção foi empregar o “termo da moda” (*pandemia*).

### 9.3 – BOLHAS DE PENSAMENTO

Dentre os vários estudiosos que se preocuparam, desde o início do Séc. XXI, com as formas de uso das redes sociais, seja quando aproximam e/ou integram as pessoas, seja quando apresentam potencial alienante e/ou desintegrador, cabe especial destaque, pelo foco de suas análises, ao sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) e ao sociólogo espanhol Manuel Castells (1942). Ambos se manifestaram, em várias oportunidades, sobre a questão das “bolhas de pensamento” no espaço digital.

Em uma entrevista ao semanário *L'Espresso*, em 2016, reproduzida no boletim *Outras Palavras* em sua edição nº 751 (disponível em <http://outraspalavras.net/posts/bauman-examina-crise-da-internet-e-da-politica/>), Zygmunt Bauman teceu várias considerações nesse sentido, dizendo, por exemplo, que a Internet “*permite não ver e não encontrar todos os que são diversos de você*”, de modo que “*a rede é, ao mesmo tempo, um remédio contra a solidão – você se sente em contato com o mundo – e um lugar de ‘confortável solidão’, onde cada um está fechado na sua network, da qual pode excluir quem é diverso e eliminar tudo o que seja menos prazeroso*”.

Em geral, destacou Bauman, “*as pesquisas sociais mostram que a maior parte das pessoas usa a internet não para abrir a própria visão, mas para fechar-se dentro de cercados, para construir ‘zonas de conforto’*”. E completou dizendo que é “*um pouco*



*como condomínios distantes do centro das cidades, circundados por muros, guardas armados e câmeras em circuito fechado, onde as pessoas vivem num tipo de mundo imaginário, sem controvérsias, sem conflitos, sem se expor às diferenças”.*

É essa, em síntese, a ideia de *bolhas de pensamento*: grupos nas redes sociais (por exemplo, no WhatsApp) em que todos os integrantes pensam de forma semelhante, não havendo espaço para maiores divergências. Daí falar-se, geralmente, em bolhas de “pensamento único”.

Lógico que “bolhas” voltadas para a disseminação e troca de ideias, por exemplo, de natureza técnica em determinados segmentos profissionais, podem se tornar um instrumento bastante útil e relevante. E isso é um fato, pois elas existem. Todavia, o que se tem constatado é que, sobretudo em áreas de natureza fortemente “opinativa” (como certos segmentos das ciências sociais, da religião etc.), bolhas de *pensamento único* podem dar ensejo aos chamados “comportamentos de rebanho”, bem como a posturas de preconceito e/ou intolerância em relação ao diverso, procurando não só rechaçá-lo, como, não raro, desqualificá-lo através de afirmações e posturas agressivas que podem chegar, até mesmo, à ameaça física.

Numa outra chave analítica, essas bolhas podem dar origem a processos de “alienação” e “descolamento da realidade”, com a eventual criação das chamadas “realidades paralelas”.

Portanto, grupos de *pensamento único* em redes sociais devem ser objeto, sempre, de atenção e cautela *vis-à-vis* as hipóteses citadas, dentre outras.

#### **9.4 - MIDIOSFERA DIGITAL**

A chamada *midiosfera* pode ser vista como uma “grande bolha” (que não se confunde com as bolhas de pensamento de que falou Zygmunt Bauman) que armazena e veicula todas as informações e dados cursados pelas várias mídias. Assim, a *midiosfera* consiste, basicamente, em uma “superestrutura tecnológica” (no sentido de *hardware* e seu *software operacional*).

Já a ideia da chamada “*midiosfera digital*” remete, mais especificamente, a uma macroestrutura que engloba os meios digitais em geral (incluindo redes sociais, Internet etc.) e abarca a produção, o armazenamento e a veiculação de informação, dados e mensagens em grande escala, alcançando praticamente toda a sociedade ou, pelo menos, parcelas significativas dela, e na qual as pessoas “comuns” (não especializadas em tecnologias da informação e digitais) se inserem, essencialmente, como receptoras (ou *consumidoras* do que é veiculado). Nesse sentido, a utilização eficiente/eficaz dos instrumentos da “*midiosfera digital*” pode permitir a disseminação de mensagens a uma parcela extensa da população.

E foi precisamente esse, ao que consta, o grande êxito dos responsáveis pela comunicação de Jair Bolsonaro no período de 2018 a 2022: terem conseguido montar uma “máquina de comunicação” que, baseada em um centro irradiador de ideias/conteúdos/discursos,

logrou multiplicá-los sob diversos formatos (vídeos, memes, textos, desenhos de animação etc.) por intermédio de técnicas de disseminação de mensagens (robôs de disparo, por exemplo) e grupos que, agindo de diferentes pontos ou locais (descentralizados), provocaram e seguem provocando nos destinatários finais (os usuários das redes sociais) a sensação de uma “tempestade informacional” de conteúdo convergente.

## 9.5 - AVALANCHE DE CONSENSO

Essa *tempestade informacional dirigida* é, basicamente, o que caracteriza a chamada “avalanche de consenso”, que transmite aos receptores a sensação de que o conteúdo das mensagens é verdadeiro, ainda que completamente falso. E isso tem uma explicação simples: ao receberem de diversas fontes, em distintos grupos de rede social, a partir de pessoas de diferentes núcleos de relacionamento (família, escola, trabalho, igreja, amigos etc.), mensagens que, embora distintas na forma, contêm as mesmas ideias/conteúdos/discursos, as pessoas tendem a ter a “sensação” de que estão diante de uma “verdade”.

Em síntese, a “avalanche de consenso” envolve uma técnica de disparo de mensagens (“informações”, *lato sensu*) que tanto podem ser verdadeiras, como podem ser *fake news*, mentiras, discursos de ódio etc., comandadas a partir de uma mesma ou de várias fontes diferentes, geralmente com formas ou roupagens distintas (mas veiculando a mesma ideia/conteúdo/discurso), de modo que uma pessoa, após receber diversas mensagens convergentes, fica com a impressão de que “todo mundo está falando a mesma coisa” e passa a acreditar que aquilo é verdade. E se for um número muitíssimo grande de pessoas, uma “verdade inequívoca” (massificada).

Inicialmente referida como “avalanche de consentimento”, consta ter sido essa técnica originalmente desenvolvida na Itália, nos anos 1990 (muito antes, portanto, dos atuais recursos e redes digitais), por intermédio do empresário da comunicação Gianroberto Casaleggio, após um determinado período de observações e análises em torno da comunicação dentro da empresa em que atuava. Posteriormente, a partir de 2009 (portanto, já na era digital), Casaleggio protagonizou, juntamente com o comediante Beppe Grillo, uma experiência marcante de uso massivo e dirigido da Internet na esfera política, ao criarem o chamado “Movimento 5 Estrelas”, na Itália, que se serviu dessa técnica para uma interferência inédita e bastante polêmica no sistema político italiano.

Para quem queira conhecer um pouco mais a respeito, um bom começo pode ser o breve estudo de Bruna Maciel intitulado *Movimento 5 Estrelas: informação e os perigos da democracia direta*, disponível na Internet, nesta data, por intermédio do link: [http://petrel.unb.br/images/Boletins/Petrel\\_v3\\_n6\\_out\\_2021/MACIEL\\_B\\_PETREL.pdf](http://petrel.unb.br/images/Boletins/Petrel_v3_n6_out_2021/MACIEL_B_PETREL.pdf).

Ao que consta, uma versão mais atualizada e desenvolvida da técnica de Casaleggio, já empregando de forma massiva algoritmos e robôs de disparo de mensagens, teria sido

utilizada, por exemplo, no plebiscito que levou à saída do Reino Unido da União Europeia (BREXIT), bem como na eleição de Donald Trump nos Estados Unidos.

Resumindo, uma avalanche de informações (*inputs*) de conteúdos convergentes pode gerar nos destinatários (as pessoas em geral) a percepção de estarem diante de um “consenso”. Esse aparente consenso pode se formar, assim, até mesmo em torno de uma mentira, que passa a ser assumida e veiculada como se verdade fora.

Como complemento a este tópico, vale assistir ao vídeo intitulado “*Como sequestrar uma democracia*”, com o jornalista Pedro Doria, em que boa parte desses conceitos e informações é apresentada. O link é o seguinte: <https://www.youtube.com/watch?v=QOoOyr6qvMs>.

## 9.6 - CAPILARIDADE E MULTIDISCURSOS

O esquema comunicacional supracitado emprega, usualmente, os conceitos de *capilaridade* e *multidiscorso* (ou “multidiscursividade”).

Através da capilaridade (obtida, por exemplo, via descentralização ou com uso de algoritmos) podem ser focalizados, de forma especializada, os distintos segmentos da sociedade (econômicos, religiosos, etários etc.), com a elaboração de mensagens direcionadas especificamente a cada um deles (*tailor made*), mas seguindo a mesma ideia/conteúdo/discurso padrão.

Assim, além de um “discurso padrão” para o público como um todo (a sociedade em si), o esquema pode empregar, ainda, a técnica do multidiscorso, ou seja, discursos específicos para cada segmento da sociedade segundo seus interesses, sentimentos, expectativas etc. Por exemplo, um para o público do agronegócio, outro para os cristãos (podendo ser, ainda, um somente para os católicos e outro para os evangélicos), outro para os adeptos das armas, outro para os mais pobres, e assim por diante.

Importante ressaltar que esse tipo de estratégia comunicacional leva em conta, geralmente, certos sentimentos comuns das pessoas, dentre os quais, o medo. Daí o uso (e abuso) frequente do apelo emocional ínsito da fórmula maniqueísta do “bem contra o mal”, que tanto assusta, sobretudo, as pessoas ligadas aos segmentos religiosos mais tradicionais.

Vale lembrar que o maniqueísmo, derivado do pensamento do filósofo persa Manes ou Maniqueu (Séc. III), é considerado, hoje, uma formulação simplista, visto que, ao procurar reduzir tudo a meras relações entre opostos (bem e mal, certo e errado, etc.), apresenta dificuldade em alcançar toda a complexidade do mundo, dos fatos e das relações humanas. Nessa linha, costuma ser visto como uma fonte potencial de preconceitos.

Em um texto simples e didático, constante da Internet, Pedro Menezes (<https://www.todamateria.com.br/maniqueismo/>) explica que “*um dos grandes problemas de uma interpretação maniqueísta é que associada a uma visão etnocêntrica,*

*que toma a si e suas concepções como padrão, tende a considerar tudo o que é diferente como mal”.*

Analisando a questão sob o prisma da política, observa Pedro Menezes que “*o Maniqueísmo está muito presente nos debates políticos que tendem à polarização*”, e que nesse contexto “*os adversários políticos abandonam a complexidade de suas relações e das diversas teorias políticas*”, sendo a política “*reduzida a um embate simplista entre o certo e o errado*”. As diferentes correntes, diz ele, “*muitas vezes, relacionam sua ideologia com o bem, e conseqüentemente, as outras teorias e personalidades políticas são identificadas como erradas ou com o mal*”. E completa: “*O Maniqueísmo, que transforma adversários políticos em inimigos, impede o debate e o conflito entre ideias distintas, necessários para a democracia*”.

Dito isto, resta claro o fato de o *comunismo* (assim como o *socialismo* e as *esquerdas* em geral) estar no topo da lista das “ameaças” frequentemente empregadas no discurso de candidatos da chamada “direita radical” ou “extrema direita”.

Enfim, um sério agravamento desse quadro pode surgir quando e se determinado processo comunicacional é comandado/manipulado por quem (pessoas, grupos, empresas, instituições, governos etc.) seja desprovido de caráter ou, de alguma forma, tenha objetivos espúrios, não republicanos etc. Nesse caso, pode-se ter um verdadeiro desastre.

Nesse sentido, não é demais lembrar que uma das principais referências históricas de processos de manipulação de pessoas está associada ao nazismo, sendo muito frequente a menção a uma frase bastante conhecida, qual seja, “*uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade*”, usualmente atribuída a Joseph Goebbels (embora, frise-se, haja contestações, como salienta Bruno Vaiano na abertura do seu artigo aqui citado na Introdução, sugerindo que a atribuição dessa frase a Goebbels pode ser produto de um *efeito de verdade ilusória*).

## **9.7 - DISSONÂNCIA COGNITIVA COLETIVA**

Dissonância cognitiva é um conceito originário da área da Psicologia, que teve sua primeira abordagem relevante, segundo João Cezar Castro Rocha (professor da UERJ), em um livro do norte-americano Leon Festinger, na década de 1950. Costuma-se dizer que ela se manifesta a partir de um conflito entre o que uma pessoa pensa e/ou sente e o que ela faz.

Dito de outra forma, a dissonância cognitiva envolve um desencontro entre a realidade e as crenças de uma pessoa, podendo ocorrer sempre que há uma distância relevante (sensível) entre aquilo em que ela acredita e a maneira de se comportar (em função das demandas sociais, por exemplo). Destarte, quando a realidade (sobretudo do mundo próximo) não se apresenta ou não condiz com aquilo que dela é esperado, tende a aumentar a possibilidade da sua ocorrência.

Isso costuma gerar níveis variáveis de desconforto que podem, em certos casos, dar ensejo a comportamentos patológicos. E uma forma de reduzir esse desconforto pode ser a de se associar, nas redes sociais, a “bolhas de pensamento” (voltando a Bauman) em que as ideias veiculadas, os discursos de seus integrantes, e assim por diante, correspondam às suas crenças.

Mais recentemente, o Prof. Castro Rocha deu uma entrevista explicando esse fenômeno e atualizou-o para o mundo digital fazendo referência a uma *dissonância cognitiva coletiva*. E é aí que vem o problema maior. Uma coisa é a dissonância cognitiva de uma ou poucas pessoas, passível de tratamento, digamos, no âmbito do “divã”, e outra muito mais grave é a dissonância cognitiva coletiva, quando pode alcançar grandes contingentes de uma sociedade (ou seja, a “dissonância em massa”).

Essa entrevista é apresentada com um título bastante provocativo: *Brasil é laboratório de criação de realidade paralela*. Nela, Castro Rocha faz referência ao que chamou de “mídiosfera extremista”, tendo dito que se trata de uma “poderosa máquina de desinformação, talvez a maior da história da humanidade”, composta de correntes de WhatsApp, circuito integrado de canais de Youtube, aplicativos específicos etc. O link para a entrevista é o consta do Prólogo.

Enfim, segundo alguns analistas, dissonância cognitiva e avalanche digital constituiriam o núcleo conceitual utilizado, nos últimos anos, por algumas máquinas de propaganda ao redor do mundo, incluindo a de Bolsonaro.

Finalizando, para os que se interessarem há um vídeo bem descolado e irreverente, intitulado *Por que está tão difícil conversar com os fatos-Ep. 1621*, em que Leon Martins e Nilce Moretto falam sobre dissonância cognitiva (link: <https://www.youtube.com/watch?v=rBjHYJUrBOg>).

## 10 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciando estas *considerações finais*, vale reiterar aqui o que já foi dito na Introdução: a ideia central deste texto é gerar reflexões em relação ao uso de certos instrumentos, conceitos e técnicas de comunicação de massa capazes de trazer grandes riscos para o pensamento lúcido e livre. Importante reiterar, também, que esse “arsenal de comunicação” foi empregado por Jair Bolsonaro num nível incomparavelmente superior ao que se viu na campanha de qualquer outro candidato à Presidência da República em qualquer tempo, no Brasil, o que explica o fato de ter sido utilizado como referência nestas linhas.

### 10.1 - O NOVO CORONAVÍRUS E OS “VÍRUS DIGITAIS”

Enfim, tal qual numa epidemia ou pandemia (que configuram fenômenos de saúde pública causados por agentes infecciosos), em que há uma tendência de todos (ou praticamente

todos) os segmentos ou estratos de uma sociedade serem atingidos pelo vírus que a provoca (ainda que com níveis distintos de gravidade, como no caso do “novo Coronavírus”, responsável pela pandemia da Covid-19), praticamente nenhum segmento da sociedade brasileira passou incólume aos impactos do emprego massivo das redes sociais, por tanto tempo (desde, pelo menos, 2018), para disseminação de mensagens voltadas, direta ou indiretamente, de forma tácita ou expressa, ao processo eleitoral de 2022.

Entretanto, se no caso da Covid-19 foi possível a rápida mobilização de cientistas, universidades e centros de pesquisa públicos e privados para o desenvolvimento e produção, “a toque de caixa”, de vacinas que, sejam quais forem as críticas que se lhes possa dirigir, mostraram-se decisivas (segundo os estudos sugerem) para a redução, num espaço de tempo relativamente curto, do “grau de letalidade” do agente causador da doença, isso não se afigura possível, contudo, no caso de certas “patologias” e “efeitos colaterais” vinculados aos ataques dos “vírus digitais” empregados no recente processo eleitoral brasileiro (*fake news*, discursos violentos, apologia às armas, ataques à imagem de pessoas, mentiras etc.).

Com efeito, o correspondente “grau de letalidade” (melhor dizer, no caso, grau de “alienação” e/ou “deformação”) para “mentes e corações” imersos no ambiente digital infectado por esses *vírus digitais* foi e continua sendo de tal monta que não parece haver “vacina” capaz de produzir um efeito equivalente (num prazo, idem) ao das que foram empregadas contra o novo Coronavírus.

Outrossim, se de um lado, no caso do Coronavírus, o papel exercido pelo sistema imunológico de cada pessoa foi, dizem os especialistas, extremamente importante, do outro, no caso das redes sociais, o problema é, todavia, muito mais complexo na medida em que o funcionamento pleno do “sistema imunológico social” depende, certamente, de educação, cultura, informação de qualidade, sistemas de controle (leis, poder judiciário etc.) adequados e eficazes, e assim por diante, cujo desenvolvimento ou (re)adequação, da mesma forma que a implementação, assimilação pelos destinatários e correspondente êxito na resposta social (ou individual), não se pode esperar em curto espaço de tempo.

Ademais, esse quadro traz um desconforto adicional e deveras preocupante ao se focar a perspectiva intergeracional, na medida em que vídeos e notícias recentes dão conta da ocorrência de discursos de ódio, manifestações de preconceito/discriminação e apelos à violência entre crianças e jovens, instilados não só a partir da participação de pais e outros parentes em manifestações, mobilizações e protestos, mas também no ambiente doméstico e, pasmem, dentro de escolas.

## **10.2 – UM ALERTA IMPORTANTE**

Diante de todo o exposto nesta crônica, faz-se necessário um alerta importante, senão essencial: que não se ignore, de forma alguma, quaisquer mecanismos, conceitos e métodos que, potencializados pelas tecnologias da informação, possam viabilizar novas

versões (contemporâneas) da chamada “lavagem cerebral”, de que tantos exemplos possui a História, dentre eles o da eficiência da máquina de propaganda montada pelo regime nazista na primeira metade do Séc. XX. Nesse sentido, não é demais atentar, também, para a história da ascensão do fascismo na Itália entre as duas Grandes Guerras do mesmo século.

A propósito, há na Internet (Google, Youtube, etc.) vários documentários e outros vídeos de bom nível sobre esses dois casos (do fascismo e do nazismo) que mostram como qualquer “bom cidadão” (de direita, de esquerda, de centro ou, simplesmente, “apartidário”) pode, pacífica e despercebidamente, seguir os mesmos passos que moveram “bons cidadãos” alemães, italianos e outros em direção ao “desastre”. Um desastre, portanto, cuja repetição nos dias de hoje configuraria, sem nenhuma dúvida, um “desastre anunciado”.

Nessa linha, fica aqui a indicação de um vídeo de Jun/2020, em que o biólogo brasileiro Atila Iamarino entrevista Jason Stanley, Professor de Filosofia da Yale University e autor do livro “*Como Funciona o Fascismo: a Política do Nós e Eles*”. O link é o que segue: <https://www.youtube.com/watch?v=uQGPIlgkGME>

### **10.3 - CONHECIMENTO É ESSENCIAL: REDES SOCIAIS NÃO BASTAM**

Enfim, o estudo adequado e aprofundado de todas essas questões, que não são simples, passa, como visto nestas linhas, pelo conhecimento de certos conceitos relativamente novos (dissonância cognitiva coletiva, mídiósfera digital, bolhas de pensamento, avalanche de consenso etc.), bem como de algumas linhas da história do pensamento em torno da política.

Não é possível, portanto, achar que a simples leitura diária de mensagens em redes sociais basta para fazer de cada pessoa um “conhecedor profundo” da realidade, como um todo, ou da realidade política, em particular.

Da mesma forma, para uma decisão política, devidamente embasada na realidade, sobre o que é mais adequado para um País em determinado momento histórico, não basta recorrer à polaridade “bem e mal”. Nesse sentido, não é demais lembrar que há outras dimensões desse discurso passíveis de serem consideradas, tais como as que se referem ao “bem no mal” e ao “mal no bem”. Isso sem falar dos “cinquenta tons” de “bem” e de “mal” (numa alegoria ao título do conhecido livro de Erika Leonard James), que no plano da diversidade humana se apresentam *vis-a-vis* a percepção de cada um.

Nessa linha, indispensável ressaltar aqui, mais uma vez, o Efeito Dunning-Kruger (que diz que *o baixo nível de conhecimento e habilidade das pessoas em certos temas as impede, muitas vezes, de perceber o quão pouco sabem e/ou se estão repetindo algo certo ou errado*), pois a política é, precisamente, uma das principais áreas em que as pessoas costumam achar que “sabem tudo” (tanto ou mais do que analistas e cientistas políticos qualificados), e tendem a se convencer ainda mais disso quando participam de grupos em redes sociais que reproduzem as suas opiniões e/ou sentimentos acerca dessa temática (bolhas de pensamento único).

Pois bem, conhecimento raso (principalmente quando “massificado” pelas redes sociais) não basta. Ademais, saber ouvir com atenção e espírito analítico e aberto todas as ideias em confronto é absolutamente essencial para a formação de convicções com um mínimo de aspiração ao “justo” e “verdadeiro”.

No mais, vale destacar o comentário de Bruno Vaiano em seu artigo aqui citado na Introdução, em que faz uma analogia com as vacinas ao dizer que “inocular” educação na infância é o procedimento mais eficaz. E prossegue: *“uma criança com boa educação formal, que consome conteúdo sobre ciência em vídeos e livros, dificilmente será vítima de desinformação na vida adulta. Senso crítico exige prática e repertório, ninguém é cético espontaneamente”*.

Vaiano arremata dizendo, em tom jocoso, que *“pessoas com desconfiômetro ligado – que ignoram correntes de WhatsApp e verificam a idoneidade do veículo de comunicação ao clicar em uma notícia –, não se tornarão terraplanistas ou antivaxxers tão cedo”*.

#### 10.4 - ÉTICA, DEMOCRACIA E A DIMENSÃO CIVILIZATÓRIA

Retomando, neste ponto, a questão das mobilizações e protestos pós-eleitorais com que se iniciou esta crônica, importante reiterar que movimentos, mobilizações e protestos fazem parte, obviamente, do processo democrático, cumprindo apenas que sejam observados certos pressupostos como os da legitimidade, legalidade e razoabilidade. Vale dizer, desde que se façam dentro dos quadrantes do Estado Democrático de Direito, que é parte integrante do atual estágio civilizatório.

Finalizando, cabe enfatizar, uma vez mais, que o objetivo central desta crônica passa ao largo da questão ideológica. Em última análise, a ideia é lançar um alerta em relação a possíveis **novos usos**, no presente (eventualmente já em curso) ou no futuro, e **por qualquer segmento do espectro político** que seja (direita, esquerda ou centro), senão também, dentre outros, do **religioso**, desse tipo de arsenal de comunicação de massa aqui referido.

Deve restar claro, portanto, que as premissas desta abordagem se assentam sobre bases vinculadas à ética, à democracia, à civilidade etc., preocupando-se, ademais, com os possíveis “efeitos colaterais” dos processos político-eleitorais de 2018 e 2022 na dimensão civilizatória, com especial ênfase para, dentre outros, o respeito à formação de consciências (aí, o caráter e a cultura) e ao livre e reto pensar. Daí, insista-se, a indispensabilidade de profundas e urgentes reflexões por parte da sociedade.

Nessa linha, a expectativa é que esta crônica possa contribuir, de alguma forma, para com essas reflexões, ficando por conta de cada leitor fazer a sua própria avaliação acerca do “estado de coisas” político-ideológico atual, notadamente em termos de razoabilidade, racionalidade e legalidade *vis-a-vis* o sentido da democracia e do Estado Democrático de Direito, que constituem conquistas civilizatórias inalienáveis.



**TEXTOS E VÍDEOS MAIS RELEVANTES (NA ORDEM EM QUE MENCIONADOS):**

- **João Cezar de Castro Rocha:** *Brasil é laboratório de criação de realidade paralela*  
[www.em.com.br/app/noticia/pensar/2022/10/21/interna\\_pensar,1409943/castro-rocha-brasil-e-laboratorio-de-criacao-de-realidade-paralela.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2022/10/21/interna_pensar,1409943/castro-rocha-brasil-e-laboratorio-de-criacao-de-realidade-paralela.shtml)
- **Efeito Dunning-Kruger:**  
<https://www.youtube.com/watch?v=-Cioih2QLQw>
- **Bruno Vaiano:** *Negacionistas: uma mentira repetida mil vezes se torna verdade?* (<https://interd.net.br/negacionistas-uma-mentira-repetida-mil-vezes-se-torna-verdade/08/03/2022/>)
- **Nina Saroldi (entrevista para o Podcast Matéria Bruta, Episódio 48, sobre o texto Psicologia das Massas e Análise do Eu, de Sigmund Freud):**  
<https://www.youtube.com/watch?v=J7IgfX-roJU>.
- **Milly Lacombe:**  
[www.instagram.com/tv/CjYBA\\_Zp-TD/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D](http://www.instagram.com/tv/CjYBA_Zp-TD/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D)
- **Pedro Doria:** *Bolsonaro é a venezualização do Brasil*  
[www.youtube.com/watch?v=IkQE\\_RRBbZQ](http://www.youtube.com/watch?v=IkQE_RRBbZQ)
- **Matéria do jornal O Estado de São Paulo:**  
<https://www.estadao.com.br/politica/militares-da-ativa-ferem-lei-e-participam-de-atos-golpistas-contra-posse-de-lula/>
- **Entrevista de Zygmunt Bauman constante do boletim Outras Palavras (Ed. 751):**  
<http://outraspalavras.net/posts/bauman-examina-crise-da-internet-e-da-politica/>
- **Bruna Maciel:** *Movimento 5 Estrelas: informação e os perigos da democracia direta*  
[http://petrel.unb.br/images/Boletins/Petrel\\_v3\\_n6\\_out\\_2021/MACIEL\\_B\\_PETREL.pdf](http://petrel.unb.br/images/Boletins/Petrel_v3_n6_out_2021/MACIEL_B_PETREL.pdf)
- **Pedro Doria:** *Como sequestrar uma democracia*  
<https://www.youtube.com/watch?v=QOoOyr6qvMs>.
- **Pedro Menezes:** *O que é Maniqueísmo?*  
<https://www.todamateria.com.br/maniqueismo/>
- **Leon Martins e Nilce Moretto:** *Por que está tão difícil conversar com os fatos - Ep.1621.*  
<https://www.youtube.com/watch?v=rBjHYJUrbOg>
- **Atila Iamarino entrevista Jason Stanley:**  
<https://www.youtube.com/watch?v=uQGPlIlgkGME>

